

A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL

discursos de poder

Secretaria de Estado da Cultura
Instituto Português de Museus
Museu Nacional de Arqueologia



A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL

discursos de poder

Exposição

Comissariado Científico
Susana Oliveira Jorge

Comissariado Executivo
Francisco Alves, Director do Museu
Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos
Isabel Silva, Directora do Museu Regional de
Arqueologia D. Diogo de Sousa
Rui Parreira, Direcção Regional de Évora do Instituto Português
do Património Arquitectónico e Arqueológico
Virgílio Hipólito Correia, Museu Monográfico
de Conímbriga

Assessoria Técnica
Museu Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos
Museu Monográfico de Conímbriga
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Instituto Português de Museus:
Ana de Castro Henriques
Manuel Beirão Oleiro
Maria de Jesus Monge
Fernando Mota Carneiro
Constança Calado

Arquitectura
João Vieira Caldas
Carlos Severo

Maquetes
ARESTA, Design Serigrafia

Montagem
Coordenação
Maria José Albuquerque

Luís Filipe Antunes
Margarida Cunha
Rui Pedro
Helder de Sousa
Maria Luísa Sousa

Luminotecnia
Rui Silva Santos

Empreitada
Armando Fernandes,
Construção Civil, Lda.

Inventário e Gestão de Coleções
Coordenação
Maria José Albuquerque

Luís Filipe Antunes
Margarida Cunha
Rui Pedro
Maria Luísa Sousa

Restauro e Limpeza de Peças
Museu Regional de
Arqueologia D. Diogo de Sousa
Museu Monográfico de Conímbriga

Departamento de Arqueologia do IPPAR
Moisés Costa Campos
Margarida Santos
Maria Antónia Gonzalez Tinturé

Catálogo

Coordenação de Texto
Isabel Silva

Textos
Barbara Armbruster
José Morais Arnaud
Ana Margarida Arruda
António Martinho Baptista
Ana Maria S. Bettencourt
João Luís Cardoso
Domingos J. Cruz
Ana Maria Leite da Cunha
Teresa Judice Gamito
Mário Varela Gomes
Susana Oliveira Jorge
Vitor Oliveira Jorge
Philine Kalb
Michael Kunst
Miguel Lago
Jorge Oliveira
Rui Parreira
Maria de Jesus Sanches
Paula Mota Santos
João Carlos Senna-Martinez
António Manuel S. P. Silva
Carlos Tavares da Silva
Eduardo Jorge Lopes da Silva
Fernando A. Pereira da Silva
Joaquina Soares
António C. Valera
Raquel Vilaça

Fotografia
Arquivo Nacional de Fotografia

Coordenação
Vitória Mesquita
José Pessoa

Colaboração
Emília Tavares
Alexandra Ribeiro

Fotógrafo
José Pessoa

Assistido por
Luísa Oliveira
Sofia Ferrão
Luís Piorro
Alexandra Pessoa
Sofia Torrado
Alexandra Ribeiro
Élia Marques

Desenho
Artur Santos Leite
Vitor Oliveira Jorge

Coordenação de Edição
Isabel Cordeiro
Isabel Silva
Maria Amélia Fernandes

Design Gráfico
Luís Carrôlo

Colaboração
Cristina Pacheco

Pré-impresão
Dimencor

Impresão
Tipografia Peres

© Instituto Português de Museus
Museu Nacional de Arqueologia

1ª Edição, 1995, 1000 exemplares

ISBN-972-8137-19-2

Depósito Legal nº 87.228/95

Ocupação Campaniforme do Povoado de Montes Claros

O povoado pré-histórico de Montes Claros foi descoberto em Abril de 1943 por Leonel Ribeiro, na sequência da abertura de arruamentos do Parque Florestal de Monsanto.

Reconhecida a importância dos achados, os trabalhos arqueológicos iniciaram-se no ano seguinte, tendo o espólio recolhido ao Museu da Cidade de Lisboa (JALHAY et al., 1945).

A segunda campanha de escavações decorreu em Abril de 1946. Nela se reconheceu distribuição diferenciada do espólio lítico e cerâmico, confirmando observações realizadas anteriormente. Com efeito, enquanto numa zona se concentravam abundantes cerâmicas campaniformes, em outra, correspondente à parte ocidental da estação, abundavam cerâmicas de tipologia neolítica (JALHAY e PAÇO, 1948). Não obstante os elementos apontarem no sentido de duas ocupações sucessivas, evidenciadas pela tipologia do espólio e respectiva estratigrafia horizontal, esta conclusão foi apenas vislumbrada, como se comprova pela declaração de um dos escavadores: “Adivinha-se ali a existência de um fundo pré-campaniforme” (PAÇO e BARTHOLO, 1961, p. 232). Outra observação a reter é a da existência, na “zona campaniforme” de camada de cinzas de mais de um decímetro de espessura, “sinal certo de ali terem existido fundos de cabana” (JALHAY e PAÇO, 1948, p. 52).

Justificavam-se, deste modo, novos trabalhos de escavação, que viessem a confirmar tais observações, bem como a cabal integração cultural da ocupação pré-campaniforme. Trabalhos de ampliação de uma cavaliça da Câmara Municipal de Lisboa, vieram viabilizar tal intervenção, efectuada a pedido e com o apoio da Administração do Parque Florestal de Monsanto (Câmara Municipal de Lisboa) e realizada sob orientação do autor, em Setembro de 1988.

Os resultados vieram a demonstrar a presença de uma ocupação puramente neolítica da área escavada (CARREIRA e CARDOSO, 1993), separada de uma outra onde eram exclusivos materiais campaniformes (CARDOSO e CARREIRA, no prelo).

Foram, com efeito, as cerâmicas campaniformes que celebrizaram Montes Claros, até agora o povoado que maior abundância de tais elementos forneceu no território português.

As decorações incisivas são quase exclusivas, definindo conjunto coerente e homogéneo.

Estão presentes diversos tipos de recipientes, desde as grandes “garrafas” decoradas no bojo, às taças de tipo Palmela, passando por vasos campaniformes, caçoilas e taças hemisféricas.

Tal como já tinha sido observado (JALHAY e PAÇO, 1948), além das pastas médias ou mesmo grosseiras, com elementos não plásticos ultrapassando 4 mm, ocorrem pastas muito depuradas, que lembram as das cerâmicas da I Idade do Ferro da região (CARDOSO, 1990). Porém, as superfícies dos exemplares, mesmo as dos mais grosseiros, mostram-se muito bem alisadas e com a aplicação de uma aguada, tornando-as dificilmente diferenciáveis à superfície, dos exemplares de pastas mais finas.

Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo, seguido dos feldspatos. As micas (moscovite) ocorrem raramente e sempre em pequenas proporções; o mesmo se verifica quanto aos minerais ferromagnesianos, ainda mais raros.

Predominam colorações superficiais negro-acastanhadas, seguidas pelas alaranjadas. Nestas últimas, os interiores são em geral anegados, enquanto nas primeiras são idênticos às da face externa.

Integração cultural, cronologia

O agravamento do clima de tensão generalizada a que se assistiu no decurso do III milénio a. C., na região estremenha - a que alguém chamou de “guerra total” - encontra-se bem documentado em Leceia - o mais expressivo povoado calcólico fortificado da região onde se integra Montes Claros - pelos constantes reforços do dispositivo defensivo observados (CARDOSO, 1989, 1994a), evidenciando o sobressalto e conflituosidade permanentes em que tais comunidades viviam. Tal situação conduziria ao colapso da estrutura social calcólica, para o que contribuiria, também, o provável esgotamento do sistema produtivo agro-pastoril, devido à sobre-exploração dos recursos e solos em territórios cada vez mais circunscritos - devido ao aumento da concorrência inter-comunitária.

A nova ordem económico-social que se impôs, no final do Calcólico, e com afirmação plena na Idade do Bronze, é corporizada pelo aban-

dono quase generalizado dos antigos lugares calcólicos fortificados. Em tal fase de transição se inscrevem as derradeiras cerâmicas campaniformes, do Grupo Inciso - o terceiro e mais recente da periodização de SOARES & SILVA (1974/77) - de que o conjunto de Montes Claros é o melhor representante.

Com efeito, a implantação do povoado de Montes Claros, em pequeno cabeço desprovido de condições defensivas e não fortificado, corresponde à situação mais comum de ocorrência de cerâmicas campaniformes incisivas na área de Lisboa, documentando ocupação do território através de pequenos núcleos disseminados e abertos (CARDOSO, 1994a), embora provavelmente dependentes de outros, que, ao contrário de Leceia, continuam a ser ocupados na Idade do Bronze.

São exemplo dessa continuidade de povoamento o Zambujal e Vila Nova de S. Pedro, verdadeiros embriões dos grandes povoados fortificados ou implantados em lugares estratégicos, do Bronze médio e final que começam ser identificados na região, como o de Catujal - Loures (CARDOSO e CARREIRA, 1993; CARDOSO, 1994b). Assim sendo, a desarticulação da estrutura social calcólica, que, aparentemente, conduziu ao retorno a formas de povoamento vigentes nesta mesma região no Neolítico antigo e médio, corresponderia, na realidade, ao aumento da hierarquização social, acompanhada da afirmação de um pequeno número de sítios fortificados, à escala regional, corporizando insensível transição para modelo de “chefaturas”, plenamente afirmado no Bronze Final (ver texto do autor neste mesmo volume).

Cronologicamente, poderemos situar as cerâmicas campaniformes de Montes Claros no início do primeiro quartel do II milénio a. C., correspondentes ao Bronze Antigo na região, imediatamente anteriores da eclosão das cerâmicas do Bronze Pleno, tão bem representadas no povoado de altura do Catujal, onde datação radiocarbónica (ICEN - 843) deu o resultado, para intervalo de confiança de 95% (dois sigma), de 2028-1752 cal. a. C. (CARDOSO, 1994b).

CARDOSO, J.L.